

REPTILA
Hibridismo & Imaginário

REPTILA
Hibridismo & Imaginário

•

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao
Colegiado de Graduação em Artes Visuais da Escola de
Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais,
como requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Artes Visuais.

Habilitação: Pintura
Orientador: Prof. Mário Azevedo

Mariana Monteiro Félix
Escola de Belas Artes da UFMG

Belo Horizonte 2014

*Meu caro, embora alheado,
O Homem não é perdido nem mudado.
Sem graça sim, porém não sem seu trono,
Tem restos do poder de que foi dono:
Subcriador, o que a Luz desata
E de um só Branco cores mil refrata
Que se combinam, variações viventes
E formas que se movem entre as mentes.
Se deste mundo as frestas ocupamos
Com Elfos e Duendes, se criamos
Deuses, seu lares, treva e luz do dia,
Dragões plantamos—nossa é a regalia (boa ou má).
Não morre esse direito:
Eu faço pela lei na qual sou feito.*



J. R. R. TOLKIEN



Meu agradecimento vai, especial e unicamente, para meu professor Mário Azevedo, pelo seu carinho e sua orientação tanto neste trabalho como dentro dos ateliês e no meu percurso na Escola de Belas Artes, compartilhando comigo palavras de sabedoria. Obrigada pelo incentivo a buscar minha própria arte, encaminhando-me assim para a trajetória que percorro. Você é o grande responsável pela artista que hoje me tornei.



<i>Introdução</i>	11
<i>Capítulo I</i>	15
<i>Capítulo II</i>	21
<i>Capítulo III</i>	29
<i>Capítulo IV</i>	31
<i>Capítulo V</i>	35
<i>Capítulo VI</i>	47
<i>Referências</i>	55
<i>Imagens</i>	57

Introdução

Este estudo aborda a minha trajetória dentro da Escola de Belas Artes, bem como meu percurso inicial como escritora, e como isso influenciou a minha pintura e o meu modo de ver e fazer arte.

Os trabalhos e a pesquisa aqui apresentados surgiram de uma extensa observação sobre a arte fantástica e ilustrativa, de estudos sobre mitologias de culturas diversas e de leituras ávidas de contos que remetem ao tema.

Esta narrativa tenta demonstrar as minhas relações com as diversas referências que fazem parte do meu trajeto criativo e a maneira como elas são introduzidas em meus trabalhos, conformando-os de modo único. As referências visuais se compõem com as referências literárias, criando uma obra híbrida e complexa, em que os dois gêneros são mesclados.

Introduction

Cette étude aborde ma trajectoire académique à l'École de Beaux Arts, ainsi comme mon parcours d'écrivaine débutante et de quelle façon cela a influencé ma peinture et ma manière de voir et de faire l'art.

La recherche présentée a apparu d'une longue observation de l'art fantastique et illustrative, des études sur des mythologies de cultures diverses et de lectures avides de contes remettant au thème.

Ce récit essaie de démontrer mon rapport avec les diverses références qui font partie de mon trajet créatif et la manière comment ces références sont introduites dans mon travail, en se conformant de façon unique. Les références visuelles se composent avec les références littéraires, en créant une œuvre hybride dont les genres sont mélangés.

I

“Falar é incorrer em tautologias.”

JORGE LUIS BORGES

Lembro-me da primeira vez em que pisei no pátio central da Escola de Belas Artes da UFMG. Minhas mãos seguravam o comprovante de matrícula do vestibular, um teste tão importante e ao mesmo tempo tão banal, que poderia mudar a minha vida toda; um teste que, até hoje, me pergunto se foi realmente necessário para que eu provasse que queria e era digna da vaga que pretendia.

Como sou ansiosa, fui uma das primeiras a chegar. Ali, sentada no banco de cimento que compunha o cenário, havia uma menina lendo um livro de aspecto antigo. Sentei-me ao lado dela, perguntando se ela estava nervosa por causa da prova. A garota sorriu e me disse que já era estudante de Belas Artes, e que estava ali porque ninguém a avisara de que a UFMG seria fechada por causa das provas de vestibular.

A curiosidade sempre foi meu ponto fraco (ou forte), e rapidamente perguntei a ela sobre o que achava do curso. A resposta me surpreendeu: gesticulando muito, com suas unhas grandes pintadas de azul, disse que para fazer um curso como aquele era preciso uma dedicação fora do normal; que o curso era bem diferente do que pensava ser e que não estava gostando muito. O motivo? “Tem que amar muito a arte para fazer esse curso, entende?”

De primeira, não consegui entender muito a opinião dela. Como alguém que cursava Belas Artes não amava a arte o suficiente para se dedicar a ela? Mas bastou ingressar no curso e passar meus dois primeiros períodos ali para conseguir compreender o ponto de vista da aluna que nunca mais vi; provavelmente, ela desistira de tudo!

A arte é um campo aberto e, muitas vezes, aberto até demais. Ao chegar com uma bagagem que considera suficiente para estudar, você subestima um pouco o conteúdo que é colocado à sua frente e, até mesmo, se assusta quando se depara com questões que todo aluno de arte, um dia, precisa conhecer.

Ao procurar esse curso, meu objetivo primário era aprimorar as técnicas que um dia julguei já serem boas, mas que em certos momentos do curso, percebi serem banais. O desenho pode ser visto de muitas maneiras: traços aleatórios jogados em um papel de cor creme podem significar muito mais do que um desenho perfeito sobre um papel branco, em que você reconhece o que está representando. Mas tudo depende do contexto e há bastante carga emocional, referências importantes, estudos e trabalho por trás daqueles registros que um leigo às vezes considera apenas rabiscos.

Fora da Escola, o desenho que nos é apresentado é completamente diferente do desenho artístico. Perdemos um pouco as nossas bases, aquilo que achamos correto ou belo, para mergulhar em algo que não compreendemos bem. Essa peculiaridade não acontece apenas com o desenho, mas com outras vertentes da arte, como escultura, pintura, e principalmente, a teoria. Demorei bastante a perceber isso, a abdicar do correto, do perfeito e me jogar no contextual e acadêmico.

Afinal, se o que eu achava que era arte não é tão valorizado dentro de uma Escola de Belas Artes, qual seria o caminho a tomar? Esse rumo deve ser escolhido de forma rápida ou súbita no curso: já no segundo ano precisamos definir a habilitação que seguiremos até o final de nossa formação.

Tomei como base a minha produção durante as aulas do primeiro e segundo períodos para escolher qual seria a minha caminhada dentro da Escola. Nas aulas de Bidimensionalidade II, senti-me livre para criar sem pensar muito em traços perfeitos e, aos poucos, percebi que era também o pincel que escolhia a forma que daria à pintura; as cores das tintas que se misturavam e escolhiam o tom dominante das imagens. O movimento do pulso era livre, bem como o modo de pensarmos e vermos aquela produção que, assim, surgia à nossa frente.

Então percebi que poderia me soltar um pouco mais no processo criativo do que em outras habilitações, pois a pintura, certamente, me proporciona essa sensação de liberdade e prazer.

Confesso que nunca havia tido um contato tão direto com a pintura. Não conhecia as técnicas, materiais e nem mesmo o modo correto de trabalhar com cada tipo de tinta.

Assim, essa prática me ajudou bastante no encontro de algo novo e na experiência de descobrir, aos poucos, como resolver certos problemas técnicos; fui aprendendo a trabalhar.

Mas tudo isso também exigiu de mim um novo equilíbrio, pois continuava a querer tudo do meu jeito particular e dentro do meu controle. Na pintura e, normalmente, na arte em geral, isso não acontece. No começo, isso chega a ser frustrante, mas depois que o artista passa a se aprimorar nas técnicas e a abraçar a arte como ela realmente é, ou como pensamos ser, ele se acostuma e entende que não comanda realmente o processo daquele trabalho. Jogar a tinta em um suporte e esperar que ela faça exatamente o que você deseja é uma ingenuidade. A pintura tem vontade própria; você é apenas o condutor para que ela se faça na tela e mostre o que realmente é. Ela te mostra isso, muito além daquilo que ela verdadeiramente vai passar para o espectador.

Foi nesse momento que percebi uma paixão: manejar a tinta com um pensamento de que sei o que estou fazendo, mas contemplar algo completamente novo em relação ao que estava na minha mente, nem por isso desagradável e frustrante, mas sempre surpreendente.

Ao escolher a pintura, somos expostos a diversos tipos de técnicas e modos de expressão, algumas vezes de forma mais livre e outras baseadas em temas específicos. Quando fui apresentada à tinta a óleo e tive oportunidade de pintar de uma maneira solta, escolhendo o tópico com que mais me identifiquei, percebi pouca variação no que se relaciona aos temas dos trabalhos.

Ao fazer um apanhado da produção do terceiro semestre,

havia em meus trabalhos as mesmas formas e assuntos dos semestres iniciais. Na avaliação final, já possuía um projeto semipronto para o que seria a minha linha de produção a seguir, para o restante do meu trajeto no curso: monstros.

Assim, depois de terminar uma série de imagens baseadas em monstros do cinema, figuras mascaradas e com características únicas, pude perceber que o que me fascinava não era tanto as figuras e a reação que elas exerciam sobre os espectadores, e sim a simbologia e a história por trás daquelas figuras; aquilo que elas realmente representavam, no ambiente em que eram criadas e inseridas.

Procurar a origem desses seres se tornou um pré-requisito para que eu começasse a representá-los; saber um pouco mais sobre sua criação dentro do seu habitat específico se tornou um fascínio. Assim, surgiu o Livro dos Monstros, em que faço uma catalogação de criaturas que vão compor o meu trabalho de alguma forma. Esse método também fez com que surgissem tanto a minha série de monstros do cinema quanto a série seguinte, monstros mitológicos, baseada em textos sobre mitologia e antigos poemas gregos e romanos.

Ao continuar o curso do ateliê, o trabalho se ampliou, abrangendo não só os monstros da mitologia como criaturas da literatura fantástica em geral. Após a pintura das “Parcas” – mulheres mitológicas que representam respectivamente passado, presente e futuro – comecei a trabalhar com a “Harpia de Astapor”, criatura criada por George R. R. Martin e inserida em seu próprio mundo, na série de livros “As Crônicas de Gelo e Fogo”.

Trabalhar usando um parágrafo descritivo como base, em vez de simples referências visuais, a princípio, foi um

grande obstáculo. Mas depois de algum tempo me dedicando à pintura livre de fotos referenciais, percebi que para o trabalho que exerço no ateliê, essa maneira de pintar era mais prazerosa, deixando os resultados mais soltos e mais autorais.

O desprendimento da forma perfeita e o modo como me dediquei à pintura mais livre me deixaram mais confiante com minha produção e seus processos.

•

II

Depois que a minha pintura começou a fluir mais livre, desapegando-me da forma perfeita e muito correta, resolvi trabalhar com a aquarela, um tipo de tinta que havia utilizado apenas nos primeiros períodos da pintura.

Continuei com a minha série de monstros, repintando “O Homem Pálido”, criatura que aparece no filme “O Labirinto do Fauno”. Ao contrapor essa pintura, feita em tinta acrílica, com a outra, feita em aquarela, o resultado mostrou algo que iria mudar completamente a minha maneira de trabalhar e ver as minhas produções.

As manchas possuíam características únicas, mais claras do que aquelas de outros tipos de tintas; as sobreposições, mesmo fora do controle, ainda mostravam o que eu queria e tornavam-se equilibradas no final da pintura, criando uma harmonia que buscava desde que comecei a pintar e nem sempre encontrava.

A aquarela me proporcionou justamente o que procurava na pintura. Cada mancha que a tinta criava tomava o seu rumo particular, às vezes – ou quase sempre – saindo do meu controle. Tecnicamente, utilizar esse tipo de tinta não foi fácil. Muitas vezes, as cores misturadas de forma mais pastosa ou mais fluida mostravam resultados bastante diferentes dos que tinha em mente.

Quando se trabalha com aquarela, é quase obrigatório possuir um pulso mais desprendido e um tempo de pincelada curto, pois a mancha pode se tornar apenas um borrão, mudando o caminho do seu trabalho e desprendendo-o completamente do que se esperava ao depositar a tinta no papel. Eu não possuía esse tipo de desenvoltura, porém, fui criando um modo particular de trabalhar, descobrindo diversas maneiras de mostrar o que tais meios poderiam criar sob minhas ideias.

Pesquisando um pouco sobre aquarelistas conhecidos e mais especificamente sobre a técnica, percebi uma grande falta de referências em relação à tinta preta nesse tipo de pintura. Pouco ou quase nada utilizada, muitos dizem que o tom deixa as figuras carregadas, e a maioria prefere escurecer as manchas com sépia e tons de terra.

Ao iniciar as aquarelas retratando monstros mitológicos a partir de poemas antigos da cultura romana e grega, resolvi utilizar a tinta preta no trabalho “O Lamento da Medusa”, o primeiro dessa série. Com traços marcados, como se fossem feitos a nanquim ou um tipo de tinta mais densa, e manchas em efeitos degradês com a tinta preta, a figura tomou corpo e um aspecto que lembrava pedra ou escultura. Foi um resultado inesperado, mas nem por isso frustrante. A figura de aparência concreta foi bastante referencial ao poema que utilizei para



Figura 1

compor a imagem, reforçando a densidade do trabalho.

Contudo, ao tentar trabalhar em outras figuras somente com a tinta preta, percebi certa dificuldade nos efeitos de sombra. A quebra dos tons é mais difícil de conseguir ao lado do tom completamente negro. Dependendo do modo como a tinta é utilizada, a pintura se transforma em um borrão disforme.

Para tentar uma quebra mais clara do negro, resolvi usar a tinta preta mesclada a um tom escuro, como sépia ou azul. Com esses tons, consegui sombras e volumes mais visíveis do que antes, partindo apenas do preto, deixando as imagens com um aspecto mais pictórico.

Foi assim que ainda produzi outras figuras, como o “Hipogrifo”, a “Sereia” e a “Hidra de Lerna”. Pretendo continuar ainda com muitas outras figuras mitológicas e dar seguimento a essa série, me dedicando à utilização da tinta preta e de traços mais visíveis do que antes. Ao terminar o “Hipocampo”, o último da série, tive certa inquietação em relação às referências utilizadas.

Monstros mitológicos podem ser figurados das mais diversas maneiras, quando representados pelos traços únicos de um artista. Mas, a meu ver, não há como escapar das formas premeditadas pelos textos e descrições existentes, concretizando uma mitologia antiga demais para ser modificada.

Ao perceber isso, a necessidade de criar figuras que saíam do meu próprio imaginário ficou mais forte, e finalmente decidi abdicar da facilidade que essas formas monstruosas me proporcionavam, enfrentando um desafio para o qual não acreditava estar pronta: o de criar meus próprios monstros.



Figura 2

Cursando um dos ateliês, fui apresentada ao trabalho peculiar do artista gaúcho Walmor Corrêa. Amante da representação anatômica, Corrêa manipula conceitos como o da evolução das espécies, da biologia e da ciência, criando um trabalho vasto e multifacetado. Utilizando como referência a técnica da taxidermia, ou a ilustração e pintura, seguida de textos explicativos, o artista brinca com a relação da mutação e da anatomia, mesclando corpos humanos com algumas características de animais conhecidos e explicando cada metamorfose originada de seu imaginário criativo. Corrêa elabora suas próprias criaturas, une corpos que separados não possuem características semelhantes, mas juntos (sob os “cuidados” do artista), nascem como criaturas até mesmo harmoniosas. O artista produz híbridos singulares que compõem séries de trabalhos, como “Natureza Perversa” (2003) e “Metamorfoses e Heterogonias” (2007), conhecidas no panorama artístico nacional e com destaque pelo estilo próprio.

“No universo particular de Walmor Corrêa, encontramos uma miríade de elegantes e absurdos animais, onde o artista pode revelar todo seu prazer criador. Criaturas bizarras, híbridas, metamorfoseadas, alucinações, ilusões bem humoradas, são tentativas de definição e classificação de sua obra.”

(A Natureza generosa e perversa das criaturas transitórias do mundo e da arte)
BLANCA KNAAK.



Figura 3

A minha identificação com o trabalho de Corrêa foi rápida, pois em sua produção encontrei fortes referências e semelhanças com os trabalhos que já realizei. O artista tem um caminho próprio, conseguindo apropriar diversas paixões e criar uma forma bastante peculiar. Busquei esse modo de trabalhar e trajetória quando percebi que os monstros mitológicos que eram produzidos por mim já não conseguiam suprir a minha imaginação e o meu modo de criação. O trabalho de Corrêa foi fator importante na mudança do modo como eu via minha produção e fazia as minhas pinturas.

A representação de figuras já criadas por mitologias, e as frequentes reproduções e apropriações dessas figuras já existentes no imaginário das pessoas, fez com que a necessidade por criações próprias se tornasse ainda mais forte, e que o trabalho evoluísse para algo mais autoral, que poderia mostrar um mundo individual, com criaturas exclusivas minhas.

Afinal, ao trabalharmos com o mito, precisamos ter cuidado ao acrescentar características que saem dos parâmetros já representados, modificando assim a figura na qual o espectador já está familiarizado. Trabalhar com o tema da mitologia antiga tem a desvantagem de deixar a produção congelada em certo ponto, fazendo-a quase cair na mesmice e ficar perigosamente repetitiva.

III

“Quanto mais próximo o assim chamado ‘mito da natureza’, ou alegoria dos grandes processos da natureza, está de seu suposto arquétipo, menos interessante ele é, e, de fato, menos é de oferecer algum esclarecimento sobre o mundo.”

(Árvore e Folha.)
J. R. R. TOLKIEN

Com isso, no penúltimo ano de curso, a produção tomou um novo rumo e resolvi modificar o projeto de ateliê.

Esse novo trabalho consistiu na criação de híbridos próprios, nascidos do meu próprio imaginário, cercados de influências de escritores que se dedicaram à literatura fantástica e de artistas plásticos. Além das referências de escritores e artistas, consegui encontrar nesse novo rumo do projeto um modo de mesclar minhas duas paixões, a pintura e a escrita.

.

Quatro anos atrás, antes de ingressar na Escola de Belas Artes, já havia começado a me dedicar à escrita, outra atividade criativa que antes não me tomava tanto a atenção; pensava que precisava de uma técnica mais aprofundada para me dedicar de fato a ela. Deixando de tê-la como passatempo e pensando mais seriamente, a escrita tomou boa parte do meu tempo e tornou-se uma atividade apaixonada, cada vez mais influente nos meus trabalhos e pinturas.

Como a pintura, a escrita é uma área ampla e com diversos segmentos. Curiosa, decidi experimentar de tudo, escrevendo desde contos e pequenos poemas até romances e complexas histórias de ficção científica. Mas, sem dúvidas, uma linha da escrita me desperta mais curiosidade e prazer do que outras e se identifica bastante com o meu trabalho visual: o fantástico.

Mesclando a escrita e a pintura, o trabalho evoluiu para algo mais complexo. As representações de criaturas não partiam de textos de outros autores já consagrados na literatura, mas de meus próprios textos. Assim, as histórias e seus personagens híbridos não se sujeitavam às especulações sobre sua origem. Para tanto, precisei buscar elementos em minhas referências imagéticas e textuais para enriquecer e dar um sentido extra ao que realmente desejava propor, como um mundo completamente novo.

Ao pensar nas origens desses seres híbridos, me baseei no modo de Alan Lee ilustrar. Apesar dele normalmente trabalhar com textos de outros escritores (como Tolkien, por exemplo), seu modo de produzir é bastante peculiar. Sentado nos bastidores, onde as suas ilustrações literalmente ganharia vida no cinema, Lee imaginou como seriam as criaturas vivendo pelas florestas que o circulavam e como os lugares poderiam se tornar reais em meio à paisagem. Dessa forma, me imaginei dentro do mundo que criei, originando híbridos que poderiam viver em montanhas rochosas, em florestas densas ou lagos profundos.

Depois que o trabalho tomou um rumo mais próprio, a criação tornou-se mais complexa - no sentido dos detalhes - e ao mesmo tempo mais fluída. Os textos aprofundados sobre mitologias com os quais tive contato, estudando-os ao longo de todo o curso, mostraram-se bastante produtivos em diversas nuances do projeto, decisivos para a formatação e o corpo do trabalho.

Ao encontrar o rumo que procurava desde que cursei o primeiro ateliê, me soltei em relação à imaginação, como artista e escritora. Assim, surgiu o meu trabalho mais complexo, autoral e criativo: o livro ilustrado do reino Reptila.

IV

O livro que ilustra o reino “Reptila” mescla pintura e ilustração com o meu trabalho como escritora. Ao terminar “Reptila” - um dos vários reinos que pretendo criar -, começarei a escrever minha primeira obra fantástica em cima do trabalho que comecei a desenvolver nos ateliês finais da escola de Belas Artes, consolidando parcialmente essa minha trajetória e definindo o rumo que pretendo seguir ao fim do curso.

O livro autoral e o livro ilustrado são projetos ambiciosos e, por serem criados do zero, encontrei alguns obstáculos ao longo de suas criações. A grande dificuldade desse trabalho autoral foi separar todo o material que reuni no curso e durante estudos pessoais para que eu conseguisse mesclar corretamente o melhor conteúdo para criar o reino “Reptila” e influenciar a cultura dos reptilianos. O que seria melhor deixar de lado para que a escrita e a criação não ficassem muito carregadas de influências literárias e mitológicas?

Criando um mundo completamente novo, precisei peneirar as minhas diversas referências. A arte da escrita é bem diferente quando se trata de criação. Apesar de o tema ser algo fantástico e, por ser assim, não precisar de tanta coerência quanto outros tipos de literatura, tudo o que se cria nesse universo precisa ter uma base sólida para que o leitor e apreciador do trabalho consiga seguir a lógica dentro daquilo que o trabalho mostra, que sua criação condiz.

Dar forma a esse material foi um processo de estudo e dedicação paciente. A mitologia possui diversas nuances e muitas dessas narrativas sofrem influências diretas de outras fontes completamente diferentes. Para conhecer uma cultura e buscar o que é realmente importante nela, é preciso, sobretudo, buscar o real significado de tudo e o que realmente pertence a essas fontes, ou seja, a cultura em sua forma mais genuína, mais pura possível.

Para criar os meus híbridos, precisei de algo além da imaginação; precisei buscar referências em anatomia e na representação de animais de diversas linhas e origens, pré-históricas ou fantásticas, para mesclar os diferentes corpos em apenas um. A harmonia deve ser o seu aspecto mais importante, para que a figura não se torne apenas mais um monstro, que não consegue fazer com que o leitor ou espectador acredite na vida daquela criatura, habitante de um dado local. A criatura, mesmo que existente apenas na mente de quem cria e de quem vê, precisa transmitir seu caráter mais genuíno.

Desenvolvendo essas figuras e estendendo-as para uma obra literária em conjunto com uma obra artística, foi preciso exercer um trabalho de sedução, conquistando o outro,

induzindo-o a crer, fazendo com que ingresse no universo proposto e dialogue com ele de certa maneira. Mas qual a história por trás daquela criatura? Em qual lugar, que continente ela habita? Como vive? Como se relaciona com os diversos outros híbridos do seu reino; e com os humanos?

Tecer essa teia de criação de histórias é um processo complexo e encantador. Cada ser precisa ter uma história e características marcantes, cumprindo um papel dentro da narrativa criada. Cada local precisa servir de fato como um cenário rico para as ações daqueles que ali habitam. Para criar tanta vida, resolvi explorar os meus próprios sonhos, um meio que até então ignorava nesse sentido, mesmo estando presente na minha trajetória como artista e escritora.

Quando estava completamente entregue ao meu trabalho, anotações sobre “Reptila” surgiam com facilidade absurda junto a esboços de criaturas e pequenos textos que poderiam integrar o livro literário, constantes e numerosos. Submersa no processo de criação, a mente não para de trabalhar e produzir; boa parte dos híbridos criados e suas histórias nasceu em meus sonhos. A nova dificuldade (como ilustradora e escritora) é figurar corretamente a imagem que penso. Muitas vezes, as descrições que coloco no papel são fáceis e harmoniosas; mas quando passo esses traços para as imagens, o processo se complica.

•

V

“Você, que me lê, tem certeza de entender minha linguagem?”

JORGE LUIS BORGES

O livro que ilustra o reino “Reptila” é o projeto mais pessoal que já criei. Ele nasceu de leituras ávidas de livros fantásticos, de horas de estudos sobre diversas mitologias, de leituras de contos fascinantes e coleções de imagens que remetiam a criaturas e seus mundos.

Nessa série atual, busquei na mitologia guarani a inspiração para criar a cultura desse reino, e o que surgiu foi um povo pacífico e religioso. Vindos de uma cultura antiga e de uma forte crença espiritual, a religião dos reptilianos - como são chamados os humanos que moram no local - é baseada no culto a quatro deuses distintos, que remetem aos quatro elementos da natureza. De acordo com a lenda, cada deus escolheu um elemento para representar, assim como uma parcela do povo para proteger. São eles: Mumel, deus da água, Mof, deus da terra, Erusse, deus do ar e Sambune, deus do fogo.

Para criar certas nuances desse reino Reptila, também me dediquei a conteúdos da cultura africana, através do convívio direto e contínuo com colegas senegaleses em meus estudos no idioma francês. Os africanos possuem uma ligação incomum com a natureza e a maioria deles respeita bastante a terra em que vive. Os nomes dos deuses reptilianos estão formados no idioma wolof, língua materna dos senegaleses, em uma forma simples de homenagear essa cultura que tanto amo.

“Quando eu tinha dez anos, olhei a terra e os rios, o céu acima de mim e os animais que me cercavam, e não pude evitar de sentir que eles eram obra de um poder superior.”

(“Pied nus sur la terre sacrée”)
TATANKA-OHITIKA

Ao criar “Reptila”, busquei fazê-lo o mais parecido com o que suponho ser entre humanos coexistindo em harmonia com híbridos. Suas vidas não são violentas, apesar de alguns híbridos carnívoros e selvagens habitarem em conjunto. É um povo que vive da agricultura e quase nunca come carne; muitos dos animais que ali vivem se alimentam de sementes ou plantas.

Hérpeton (figura 4), criatura gerada por influência direta do filme “Jurassic Park” e de estudos sobre serpentes, é o híbrido central da história, tornando sua presença essencial para que acontecimentos da narrativa se tornem plausíveis. Com sua porção superior baseada no dinossauro “Dilofossauro” e no “lagarto-dragão-australiano”, e corpo de serpente, Hérpeton – do latim: aquilo que rasteja – é a criatura mais silenciosa e perigosa do reino, sendo a grande responsável pela morte dos humanos. Além da sua presença perigosa e quase fantasmagórica – a criatura quase não é vista por humanos e possui uma lenda em volta de sua existência –, podemos achar diversos outros híbridos pelo reino, espalhados em montanhas, árvores, debaixo da terra e em lagos.

Para criar os híbridos aquáticos, busquei como referência tartarugas gigantes da pré-história (figura 5). Estudei sua anatomia e me apropriei de suas caudas espinhosas e carapaças duras. Os pequenos híbridos, como o Pekito (figura 6) – criatura que mescla um pássaro com anatomia básica de réptil – e o Tuku – espécie de tatu que vive sob a terra ou entre raízes de árvores grandes –, nasceram de horas assistindo a animação de Star Wars, filme de episódios pequenos, passado em mundos diversos e estranhos.



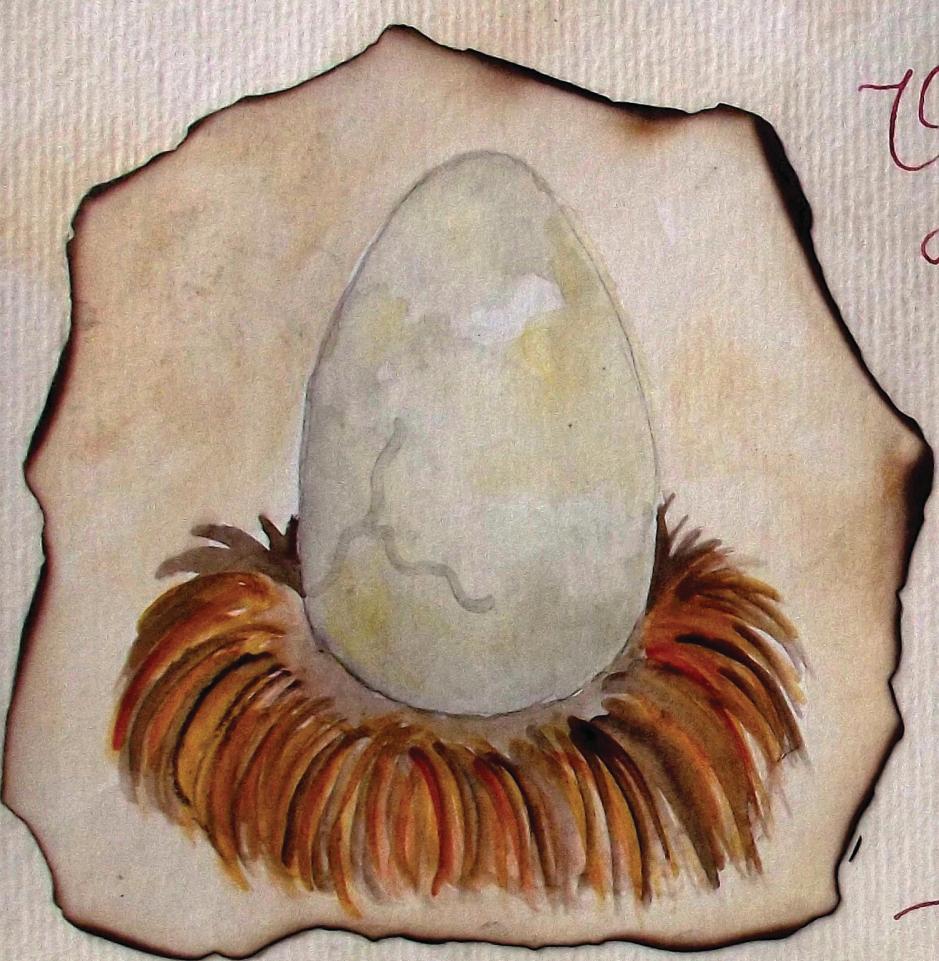
Figura 4



Figura 5



Figura 6



Os ovos do Pe Kitô são bem pequenos e com uma casca bastante endurecida.

Muitos répteis reclinam os ninhos, pois já foram presenteados com ovos na cobega. Apesar da alta queda, os ovos não quebram, sendo repostos nos ninhos pelos próprios Pe Kitôs ou pelos répteis.

George Lucas e sua equipe de criação fizeram um magnífico trabalho ao desenvolver cada tipo de vegetação ou criatura pertencentes aos diversos reinos e planetas onde se passam suas histórias. Tal meticulosidade na criação, como se a criatura sempre tivesse existido ali, mas a gente nunca tivesse realmente percebido sua presença, fez com que pelo menos uma parte do meu trabalho ficasse mais solta, sem grandes preocupações com referências anatômicas.



Figura 8

As pinturas ilustrativas feitas em cima de algo do meu universo se desenvolvem depois de semanas de estudo. O material é escolhido delicadamente e, mesmo que a técnica da aquarela seja sempre presente, o aspecto plástico do livro ilustrado precisa remeter a algo antigo, como se eu tivesse catalogado todas aquelas criaturas realmente vivas.

Há vários recortes nas páginas e colagens de símbolos criados para representar os deuses, além de frases retiradas diretamente do livro autoral, abrindo o que representa a descrição da criatura. Utilizei também letras cursivas e caligrafadas, desenhadas em nanquim e a bico de pena, que contribuem para que a visão do livro seja mais pictórica, destacando o seu aspecto manual de processo e registro (figura 9).

A criação de “Reptila” me incentiva a estudar cada dia mais a arte fantástica e suas nuances, suas origens e seu alcance a todo o tipo de público. Trabalhar com o fantástico me incentiva a buscar mais profundidade no conhecimento da mitologia, de todos os tipos de cultura.

A necessidade de reconhecer a recepção do público em contato com o meu trabalho faz com que o tempo passado criando tudo aquilo tenha valido a pena, consequentemente tornando o meu trabalho mais e mais prazeroso.

Ao materializar a imagem de uma criatura que se originou em minha imaginação, que é vista de forma diferente, e cercá-la com uma história que escrevo, dando vida a algo que antes era apenas um esboço de sonho, estranho e peculiar, percebo que estou em um caminho produtivo, e que talvez o defina como certo. Ao contemplar todo esse trabalho tomando corpo, procurando fascinar de modo particular as pessoas que de alguma forma tenham contato com ele, percebo que faço o que acredito e amo, compreendendo que, enfim, consegui encontrar a minha arte.

.

VI

“Quem sou eu? Eu sou uma pergunta.”

CLARICE LISPECTOR

Ao escolher a pintura ilustrativa como base para meu trabalho, percebi certa inquietação entre algumas pessoas que acompanhavam meus processos de criação. Surgiram diversos obstáculos que, de certa forma, tornaram a minha produção mais intrincada. Um deles foi o preconceito (de origem incerta), que abrange tanto a área do meu curso quanto o ambiente pessoal. Ao citar a ilustração dentro da Escola de Belas Artes, o problema é quase palpável, e permeia o ambiente de tal maneira que coloca o trabalho de qualquer futuro ilustrador estático, quase inalterado e com poucas chances de evolução. Afinal, como podemos buscar referências e avançar no que produzimos, se quem nos guia não considera ilustração nem mesmo digna de ser estudada?

Há uma ideia simplista de que a ilustração se limita à área do desenho, deixando assim estudantes de outras áreas flutuando nos limites de um conceito vago, sem conseguir aprofundar os seus estudos em conteúdos e técnicas ilustrativas.

Muitos me incentivaram a migrar para a habilitação em Desenho; outros me disseram que meus trabalhos eram muito gráficos, com linhas muito simples, sendo mais ligados às artes gráficas do que à pintura, pois na pintura, o processo de criação não iria evoluir e meus trabalhos ficariam parados em níveis básicos. Outros, que possuem a mente mais aberta e estão preparados para acompanhar qualquer tipo de arte em que possamos investir e nos identificar, conseguiram me mostrar referências preciosas, essenciais para que eu entendesse realmente o que eu fazia e as direções que poderia seguir.

A questão principal que me dominava era: o que faço é desenho ou pintura? Demorei cerca de dois semestres para entender que um estudante de Artes Visuais não deve se preocupar demasiadamente com isso, pois trabalhamos com a imagem; ela possui diversas nuances e interpretações muito amplas, e de certa maneira, é ilimitada; foi preciso que alguém me ajudasse a perceber abertamente essa linha de raciocínio.

E agora, já terminando a minha habilitação, percebo que o que faço é uma mistura complexa de pintura, desenho, ilustração e escrita. Fico aliviada ao saber que existem escritores que migraram para outros tipos de artes, ilustrando seus próprios textos e livros, tendo como base qualquer material ou registro que mostrasse o que realmente queriam dizer com palavras em um parágrafo. Consigo enxergar em alguns trabalhos de Victor Hugo toda a influência de sua escrita, dos traços mais sombrios às cores escuras e os tons variantes, que mostram temas como a aflição e a solidão, presentes em muitos textos de sua autoria, entre eles os clássicos “Os Miseráveis” e “Notre-Dame de Paris”.

Tolkien desenhava suas criaturas fantásticas, tentando visualizá-las mais corretamente; ilustrar como elas conseguiam interagir com o cenário e outros personagens, ou até que ponto se mantinham consistentes. Pequenos desenhos e frases deram origem a grandes obras. “Num buraco no chão vivia um hobbit” foi a frase que o autor escreveu certa vez em um papel e deu origem ao livro “O Hobbit”.



Figura 9

Artistas como Rien Poortvliet, que trabalhou junto a Wil Huygen, mesclando a escrita e a ilustração, criando assim o livro “O Livro Secreto dos Gnomos” ou apenas “Gnomos”, demonstram que é possível mesclar dois tipos de processos artísticos, especialmente a imagem e o texto, deixando-os harmônicos e disponíveis ao se complementarem sem que nenhum de fato perca a sua essência e, sobretudo, se enriqueçam.

Portanto, saber se tomei a decisão certa ou se estou no rumo errado é hoje uma grande questão para mim, como sempre foi ao longo desses anos de curso. O prazer de escrever evoluiu de forma que a necessidade de colocar as palavras e ideias juntas em um papel se tornou bem mais intensa do que a de colocar apenas uma imagem em uma tela. A criatividade, em alguns momentos, pode ser uma benção, mas em outras uma maldição. A nossa mente não descansa, e deixar que essa criatividade siga seu fluxo para outro meio, que seja uma história ou uma pintura, é quase como um alívio, priorizando, sobretudo, a criação.

Escrevo todos os dias, não como obrigação, mas quase como uma necessidade de me manter em equilíbrio e não deixar que minhas ideias (cada vez mais insanas) tomem completamente a minha mente; mas não pinto todos os dias. Não sinto necessidade de pegar minhas tintas e jogá-las sobre um papel de aquarela, nem mesmo de desenhar meticulosamente meus híbridos. Na verdade, às vezes, o prazer de pensar no híbrido e esquematizá-lo de qualquer maneira sobre qualquer suporte é mais satisfatório do que trabalhá-lo apenas como uma ilustração. Normalmente, o esboço de uma criatura se torna mais bonito do que sua pintura simplesmente.

Figura 10



Penso que as pinturas ilustrativas são consequência da minha escrita, e não o inverso. Essa constatação me deixa irrequieta e impaciente para descobrir qual é o meu real caminho e qual posição devo tomar quando pessoas me perguntam o que eu sou, o que faço. Escritora? Ilustradora? Pintora? Sou uma artista ou uma autora? Passo mais tempo em ateliês ou em bibliotecas, fazendo pesquisas para meus livros? Deveria fazer algum curso referente à escrita ou continuar estudando artes visuais?

Tais questões me perturbavam a ponto de eu questionar o meu próprio trabalho e pensar seriamente se estou seguindo o rumo correto. Mas, hoje, não me importo muito com isso, pois percebi que não há como separar minha pintura da minha escrita, minhas ilustrações dos meus pequenos textos; não há como diferenciar a Mariana escritora da Mariana pintora/ilustradora. Não há como dividir em meu ser minhas paixões, e colocá-las em degraus diferentes: elas ocupam o mesmo espaço, e acredito que sempre ocuparão.

Conformei-me assim de que não existe um termo pré-determinado para me identificar ou descrever, não há como dizer o que realmente sou. Assim, já aceitando minha própria produção e sabendo o local que ela ocupa, percebo que certos conceitos (ou pré-conceitos) não são importantes e se tornam até mesmo vazios nesse sentido. Não sou apenas uma, sou muitas. Escritora, ilustradora, pintora. Artista e autora. Sou uma híbrida.

•

Referências

BORGES, Jorge Luis. *Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

IMAGES by J.R.R. Tolkien. In: Tolkien Gateway. Disponível em: http://tolkiengateway.net/wiki/Category:Images_by_J.R.R._Tolkien. Acesso em: 11nov. 2014.

LES Gnomes / Wil Huygen & Rien Poortvliet. In: Domino. Disponível em: <http://domino.blogueuse.fr/les-gnomes-wil-huygen-rien-poorvliet-a26144992>. Acesso em: 12 nov. 2014.

LINDEN, Sophie Van der. *Para Ler o Livro Ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MC LUHAN, T. C. *Pieds nus sur la terre sacrée*. Denoël, 2011.

METAMORFOSES e Heterogoniasilha de Itaparica. In: Walmor Correa. 2007. Disponível em: <http://www.walmorcorrea.com.br/obra/metamorfoses-e-heterogoniasilha-de-itaparica/>. Acesso em: 2 nov. 2014.

TALZ. In: Wookieepedia The Star Wars Wiki. Disponível em: <http://starwars.wikia.com/wiki/Talz>. Acesso em: 10 nov. 2014.

TOLKIEN, J. R. R. *Árvore e Folha*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

•

Imagens

Figura 1: Mariana Félix, O Lamento da Medusa, aquarela sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2013.

Figura 2: Mariana Félix, Hidra de Lerna, aquarela sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2013.

Figura 3: Walmor Corrêa, Metamorfoses e Heterogonias, 2007.

Figura 4: Mariana Félix, Hérpeton (detalhe), aquarela sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2014.

Figura 5: Mariana Félix, Ectron, aquarela sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2013.

Figura 6: Mariana Félix, Pekito, aquarela sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2013.

Figura 7: Mariana Félix, Pekito (detalhe), aquarela sobre papel, 29,7 cm x 42 cm, 2013.

Figura 8: William O'Connor, Talz, The New Essential Guide to Alien Species.

Figura 9: J. R. R. Tolkien, Ilustrações, 1927-8.

Figura 10: Rien Poortvliet, Gnomes, 1977.

•

८